

A nossa Europa e o resto do mundo: as crónicas jornalísticas de Eça de Queirós

Maria Helena Santana

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (CLP)

1. Num conhecido ensaio sobre *A Ideia de Europa*, George Steiner afirma, citando William Blake, que o “espírito” desta região do mundo reside na “santidade do pormenor diminuto”:

É o génio da diversidade linguística, cultural e social, de um mosaico pródigo que muitas vezes percorre uma distância trivial, separado por vinte quilómetros, uma divisão entre mundos. Em contraste com a terrível monotonia que se estende do ocidente de Nova Jérnia às montanhas da Califórnia [...], o mapa estilhaçado, por vezes absurdamente divisor, do espírito europeu e sua herança, tem sido incansavelmente fértil. (Steiner, 2007: 49)

Sem esquecer que esta diversidade está também na origem de outra herança – negra – de ódios e guerras nacionalistas, Steiner defende o que muitos consideram indefensável: a existência de uma comunidade cultural alargada ao Velho Continente. Apoia-se na tradição judaico-ateniense, mas também no facto de a sua paisagem cultural se ter construído numa escala geográfica pedestre, de cidade em cidade – uma cartografia, enfim, percorrida e percebida *en promenade*, com grande incidência nas praças e nos cafés (*Idem*, 28).

Pensadores como Stuart Hall ou Benedict Anderson duvidariam de tais pressupostos; diriam que o dito “mosaico” não passa de uma construção (mais uma), na tentativa de fabricar um fundamento ideológico que dê identidade e conforto aos habitantes desta parte do mundo (Hall, 1997, cap. 3). A ideia de “comunidade imaginada” (B. Anderson), ou mesmo inventada, é hoje em dia largamente aceite pela crítica cultural, quer para as diferentes nações e povos, quer, por maioria de razão, para um espaço tão amplo e híbrido como o que vai de Dublin a Moscovo, ou de Helsínquia a Atenas. Aliás, ser europeu nem sempre nos enche de orgulho. Mas no século XIX – em pleno período de expansão industrial e colonial, antes de ter havido duas guerras mundiais, quando a América não mostrava ainda o dinamismo cultural e científico que

veio a alcançar, nem a economia mundial se deslocava para outras latitudes – , pertencer à Europa significava verdadeiramente estar no centro do mundo, o mundo que contava e em que parecia excitante viver. Eça de Queirós viveu nesse tempo e nessa Europa hegemónica, a única região do Globo ‘de facto interessante’ do ponto de vista cultural, aos seus olhos eurocêntricos.

2. O escritor português não foi um *globetrotter*: fez uma viagem juvenil à Terra Santa e Egipto (o próximo oriente romântico) e visitou de passagem os Estados Unidos enquanto cônsul em Cuba; pouco conheceu também do Velho Continente, apesar de ter passado 13 anos em Inglaterra e 12 em França, onde morreu. Mas o mundo interessava-o, e muito. De certa maneira, podia dispensar-se de viajar o homem culto que tivesse a sorte de viver em Londres ou Paris, sobretudo em Paris, a ‘capital do século XIX’. Em boa verdade, o escritor não precisava de sair de casa, bastavam-lhe os jornais: durante esses 25 anos, o último quartel do século XIX, Eça foi um leitor incansável da imprensa periódica, na qual se inspirava para as crónicas que regularmente enviava para os jornais de Portugal e do Brasil. Trata-se de um *corpus* considerável de textos – só para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro enviou mais de 100 peças – compilados postumamente nos volumes *Cartas de Inglaterra, Ecos de Paris, Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*. Essas crónicas estão agora reunidas em *Textos de Imprensa IV* (Queirós, 2002), obra que nos servirá de referência.¹

Versando sobre os assuntos mais diversos, as crónicas queirosianas são textos muito cuidados, verdadeiras obras *de autor*. Muitas delas tomam como tema o lugar de onde fala: a própria Europa, na qual tão depressa o autor se inclui como se exclui, ora porque se sente parte dela, ora porque não se reconhece na ‘ideia’ identitária que conforma o pensamento dominante. Além disso, a condição periférica de português permite-lhe uma conveniente ambiguidade de estatuto: tanto pode usar o pronome *nós* – “nós, europeus, cristãos e podres de civilização” (p. 206) – como o designativo *ela* para se distanciar dessa fascinante personagem alegórica das suas crónicas chamada Europa.

De um modo geral, é em termos displicentes que Eça se refere à sua atividade de cronista, bem como à “devoção burguesa” dos leitores de além-mar (e não só) pelas capitais do “decrépito continente” (p. 233). Interrogando-se sobre este fenómeno,

¹ Nas muitas citações desta obra indicar-se-á apenas a página.

apenas encontra uma explicação: embora monótona, pardacenta, e socialmente imóvel, a Europa tem a fantasia, faculdade de criar com originalidade, nas ideias, na arte e até nas excentricidades pitorescas (p. 232-33); acima de tudo constitui um teatro imaginário, com um foco bem apontado ao *palco* da representação:

[...] para a turba humana, mais impressionável que crítica, o mundo aparece como uma decoração armada em torno de Paris e Londres – uma curiosidade cenográfica que se olha um momento, pedindo-se logo toda a atenção para a tragicomédia social que palpita ao centro. (p. 56)

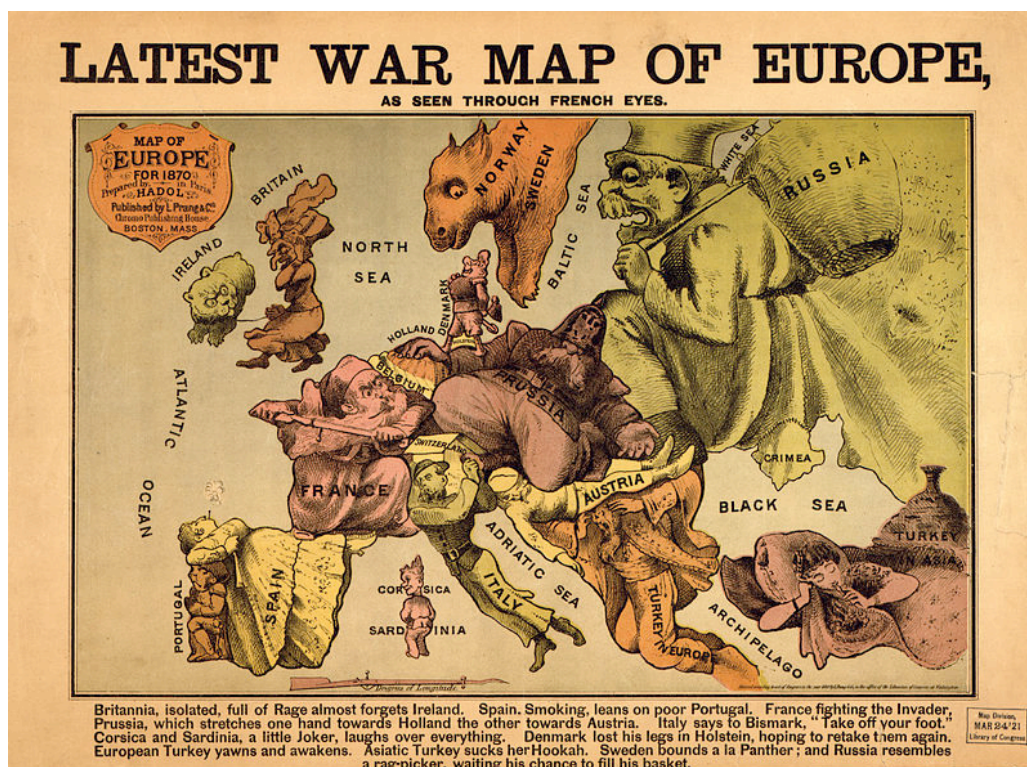
Culturalmente falando, o mundo parecia gravitar na órbita da “Capital dos Povos”, como gostava ironicamente de dizer (p. 226); face a esse tropismo, as grandes cidades históricas, Roma, Madrid, Lisboa, S. Petersburgo, até mesmo Berlim, pouco contam; fazem parte da decoração, como museu ou paisagem. Assim, Eça faz a vontade aos leitores-espectadores: ao mesmo tempo que lhes envia “A Europa em resumo” (título de uma crónica de 1892), também lhes oferece a ilusão de participarem, à distância, da mais excitante *movida* cosmopolita da época. Mas sempre vai avisando os mais incautos:

As civilizações muito brilhantes e as mágicas, são para contemplar de longe, através da vibração luminosa da rampa. [...]. Aquele que vive misturado a esta representação da Europa, topa a cada instante com o avesso das coisas belas. (p. 233)

É de longe (no conforto americano, por exemplo), que se deve observar o teatro europeu, para não se verem os bastidores e os cenários de papelão. Levando a imagem da encenação ao extremo, Eça propõe-se enviar pedaços de “Europa condensada” num suplemento de jornal, como se fosse um ramalhete de flores “sem ter de descer ao jardim e sofrer-lhe a humidade, as lagartas e os estrumes” (p. 235).

Ora vista de perto, essa brilhante civilização que o mundo venera está em crise contínua e em certos momentos parece que agoniza: em 1888 a crise industrial desmoraliza a Inglaterra e uma crise política agita a 3ª República Francesa; a intelectual Alemanha está entalada na “fardeta prussiana” (p. 227) que a asfixia; a opressão dos mujiques envergonha a Rússia dos czares; na Suécia e na Irlanda há pauperismo; e Portugal vive em *deficit* e anarquia (quem diria!), partilhando com a Grécia o velho

vício da “tagarelice” (p. 228). Eça chega mesmo a conjecturar que um dia a Europa morrerá, seguindo o destino de outras civilizações outrora brilhantes e poderosas.



[Mapa satírico da Europa em 1870, alusivo às hostilidades entre as nações²]

3. As crónicas mais interessantes são aquelas que tratam assuntos políticos de atualidade, reveladoras de um escritor atento à realidade social do seu tempo e um arguto intérprete das transformações geoculturais. Em diálogo constante com os periódicos que instituem a ‘opinião oficial’ da Inglaterra e da França – em particular o *Times* e o *Figaro*, principais porta-vozes do *establishment* europeu – Eça formula a sua própria leitura do que vai marcando a agenda diplomática internacional. O tema principal destes textos é mais uma vez a Europa, agora vista sob o prisma das suas relações com o ‘resto’ do mundo, em particular o chamado Oriente.

3.1. Em 1882, o massacre de Alexandria dá lugar a uma denúncia violenta da sobrançeria colonial inglesa e francesa que, em nome dos interesses político-

² Autor: Paul Hadol (França, 1835-1875). Legenda: “Britannia, isolated, full of Rage almost forgets Ireland. Spain, Smoking, leans on poor Portugal. France fighting the Invader, Prussia, which stretches one hand towards Holland the other towards Austria. Italy says to Bismark, ‘Take off your foot.’ Corsica and Sardinia, a little Joker, laughs over everything. Denmark lost his legs in Holstein, hoping to retake them again. European Turkey yawns and awakens. Asiatic Turkey sucks her Hookah. Sweden bounds a la Panther; and Russia resembles a rag-picker, waiting his chance to fill his basket.”

financeiros, não hesitou em destruir um ícone duma civilização milenar. Depois de analisar as várias facetas do conflito, Eça serve-se duma cena exemplar que testemunhou nessa mesma cidade:

O primeiro episódio oriental que eu vi, ao desembarcar há doze anos em Alexandria, foi este: no cais da Alfândega, faiscante sob a luz tórrida, um empregado europeu [...] estava arrancando a pele das costas de um árabe, com aquele chicote de nervo de hipopótamo que lá chamam *courbache*, e que é no Egipto o símbolo oficial da autoridade. [...] Saciado ou cansado, o homem da *courbache*, que era um magrizona [...] voltando-se para o meu companheiro e para mim, ofereceu-nos, de *bonnet* na mão, os seus respeitosos serviços. (p. 189-90)

Ninguém estranhou o episódio, revelador, segundo Eça, da relação Ocidente-Oriente. A conclusão preliminar da história parece extraída da moderna teoria pós-colonial:

A complicada abundância da nossa civilização material, as nossas máquinas, os nossos telefones, a nossa luz eléctrica, têm-nos tornado intoleravelmente pedantes: estamos prontos a declarar desprezível uma raça, desde que ela não sabe fabricar pianos de Erard; e se há algures um povo que não possua como nós o talento de compor óperas cómicas, consideramo-lo *ipso-facto* votado para sempre à escravidão... (p. 191)

Acrescente-se que os Árabes tinham idêntico desprezo pelos Europeus e pela sua cultura, mas só agora despertavam para a cruzada da libertação. Sem deixar de registar o fanatismo da campanha, Eça toma claramente o partido dos oprimidos na Questão Egípcia, distanciando-se dos *opinion makers* ocidentais:

Os jornais têm chamado a isto o ‘massacre dos cristãos’: eu não quero ser por modo algum desagradável aos meus irmãos em Cristo, mas lembro respeitosa e que isto se chame ‘a matança dos muçulmanos’. (p. 197)

E explica como o massacre serviu de pretexto ao Império Britânico para impor em território alheio “o seu pé de ferro, essa enorme pata anglo-saxónica”. A argumentação, traduzindo a perspectiva do invasor, reveste-se de grande cinismo: se “‘O Egipto estava em anarquia’ – logo, competia à Inglaterra, paladino da civilização, restabelecer lá a ordem, impedi-lo de cair no estado bárbaro” (p. 199). De resto, as outras potências

comportam-se de forma igualmente hipócrita, e só não se mobilizam ou por receio umas das outras ou porque os interesses falam mais alto.

Foi feliz a armada britânica na ‘pacificação’ egípcia: consumada a vitória e a destruição de Alexandria, num combate de David e Golias, estabeleceu-se naturalmente o protetorado inglês; a Europa descansou, e os ódios dos vencidos parecem ter ficado neutralizados. Por quanto tempo? Eça não acredita numa *jihad* contra o Ocidente cristão, porque a religião vai-se tornando menos militante, mas admite que possa enganar-se, por incompreensão: “Que sabemos nós do que se passa dentro do Islão? Tão pouco como os letrados da mesquita de El-Azhar sabem o que por cá vai dentro do nosso confuso catolicismo” (p. 215).

Uma certeza porém ganha forma: o mundo fica mais pobre enquanto houver povos coloniais (como os Ingleses) que não se misturam, não reconhecem a grandeza de outras civilizações e trabalham ativamente para as desfigurar:

Há raças fluidas, como a francesa, a alemã, que, sem perderem os seus caracteres intrínsecos, tomam ao menos exteriormente a forma da civilização que momentaneamente as contêm. [...] O inglês cai sobre as ideias e as maneiras dos outros, como uma massa de granito na água: e ali fica pesando, com a sua Bíblia, os seus *clubs*, os seus *sports*, os seus prejuízos, a sua etiqueta, o seu egoísmo – fazendo na circulação da vida alheia um incomodativo tropeço. (p. 217)

Como sabemos, a ocidentalização do Globo tornar-se-á desde então um tópico recorrente nas suas reflexões e mesmo nas obras ficcionais.

3.2. Em 1892 a ameaça terrorista está dentro de portas: as bombas anarquistas fazem tremer a França. A pátria da Revolução “efeminara-se” no seu conforto, no seu humanitarismo hipócrita, e acorda sobressaltada, antevendo uma nova *jacquerie* dos “servos da indústria” (p. 267). Mas no ano seguinte outro conflito externo faz esquecer os problemas domésticos: um conflito diplomático com a Inglaterra por causa do Sião. Eça começa por explicar aos seus leitores o que está em causa:

O Sião é um reino do Extremo Oriente, muito rico, e portanto muito apetecível. Tem um rei bastante curioso, segundo se depreende da sua fotografia, porque da cinta para

cima anda vestido à chinesa, e da cinta para baixo à Luís XV! E todo o reino, ao que dizem, participa assim da Ásia e da Europa. (p. 368)

As longas descrições que depois faz sobre as excentricidades pitorescas deste rei-deus e do seu povo submisso seguem o mesmo padrão caricatural: não encontramos aqui a simpatia manifestada anteriormente pelos Egípcios, porque o universalismo de Eça tem os seus limites culturais. Também o desdém pela Inglaterra se atenuou e parece ter-se deslocado para a França, onde agora vive: a opinião pública inglesa merece elogios e até o colonialismo britânico ganha vantagem quando comparado com a inépcia do francês – um é “viril”, o outro “impotente”. Nada disso impede a ironia sarcástica do autor em relação à política expansionista dos dois países. O texto merece uma citação alargada:

Eu próprio, como disse, se possuísse exércitos e frotas, teria já empolgado Sião. O animal inconsciente foi posto sobre a Terra para nutrir o animal pensante – e por isso com bois se fazem bifes. Os países orientais são feitos para enriquecer os países ocidentais [...] logo, dá cá primeiramente o teu ouro, e depois trabalha para mim. A questão toda está em definir bem o que é ser civilizado. Antigamente pensava-se que era conceber de um modo superior uma arte, uma filosofia e uma religião. Mas como os povos orientais têm uma religião, uma filosofia e uma arte, melhores ou tão boas como as dos ocidentais, nós alterámos a definição e dizemos agora que ser civilizado é possuir muitos navios couraçados e muitos canhões Krupp. Tu não tens canhões, nem couraçados, logo és bárbaro, estás maduro para vassalo e eu vou sobre ti! (p. 368-69)

A metáfora do devorismo passará a integrar a dinâmica narrativa do texto: primeiro as duas nações ‘civilizadas’ são comparadas a dois cães vadios que se enfrentam por um osso; depois anuncia-se que “A França começou enfim a devorar Sião” (p. 371); e por fim compara-se o vencedor a um velho de 80 anos que penetra numa aldeia para roubar uma linda moça, sem capacidade para a fertilizar. E ao fim de um mês de disputas o Sião cedeu ao *ultimatum* e deixou-se efetivamente ‘devorar’.



[“En Chine: Le gâteau des Rois et... des Empereurs”. *Le Petit Journal*, 16/01/1898³]

3.3. Para quem vê o mapa a partir da Europa, o Oriente abrange um vasto território amalgamado que se estende do Mediterrâneo ao Pacífico. É certo que no plano da representação mental há sempre um *mais-além* que permite prolongar a distância imaginária; como diria Álvaro de Campos, um *oriente a oriente do oriente*. Mas na cartografia cultural esse espaço longínquo tem um centro e um limite bem definidos: a China e o Japão. Os dois países – que Eça prefere designar pelos nomes pitorescos de “Império Florido do Meio” e “Império do Sol Nascente” – estão em 1894 em estado de guerra por causa da Coreia (o “Reino da Serenidade Matutina”). Para os

³ Autor: Henri Meyer (França, 1844 - 1899). A Rainha Vitória (Inglaterra), Guilherme II (Alemanha), Nicolau II (Rússia), e o Imperador Meiji (Japão) disputam partes da China. La Marianne (França) fica atrás de Nicolau II, numa alusão à aliança franco-russa. O mandarim levanta os braços perante as ambições imperialistas das outras nações.

européus toda esta parte do mundo não passa, como confirma o autor, de uma “região de fantasia”. Quanto aos seus habitantes, habituaram-se a reduzi-los a uma imagem caricatural: “Hoje começamos realmente a compreender (com certas reservas) que se possa ser Chinês. Mas [...] só os conhecemos pelos lados exteriores e excessivos do seu exotismo” (p. 528). Em relação ao Japão a caricatura mantém-se, mas numa imagem dupla e contraditória: ora vemos a gravura do micado em traje de samurai, ora a do mesmo micado vestido de europeu (a revolução social japonesa transformou o país numa grande potência, ao mesmo tempo que lhe destruiu a cultura ancestral).

Na origem desta atitude está, segundo Eça, a incapacidade dos europeus de se descentrarem, o que os leva a avaliar as civilizações alheias em função dos seus padrões de desenvolvimento. Erro de óptica, portanto, que impede a visão da cultura intelectual e social. No caso do chamado Extremo Oriente, o preconceito foi agravado por toda uma indústria jornalística de desinformação, que mitifica o que desconhece. Eça refere-se à Muralha da China como “uma das metáforas mais ativas da retórica ocidental” (p. 533). Ora a mesma abertura da muralha para o tráfico comercial europeu, serviu aos Chineses para verem este lado do mundo, e o que viram, a começar pelos Portugueses do século XV, não lhes agradou: homens “grotescos e hirsutos de figura, grosseiros e brutais de maneiras” (p. 534), comerciantes ávidos de lucro, ou missionários intolerantes; e modernamente, a única qualidade que reconhecem ao Europeu é a arte de mecânico, uma arte inferior (p. 536).

O exercício autocrítico de quem consegue colocar-se no lugar do ‘outro’ é por vezes notável em passagens como esta, mas já atrás se tornou claro que o universalismo de Eça tem limites. É um cidadão europeu – no melhor e no pior; e quando a ordem do seu mundo é posta em causa, vem à tona o instinto defensivo: neste caso, o medo de que a China siga o exemplo do vizinho Japão e se torne uma verdadeira ameaça à supremacia europeia. Eça antevê com desgosto o dia próximo em que o Império Florido domine militarmente a Terra, como já faz pela emigração. Observamos então uma mudança significativa no discurso e na própria percepção do Estrangeiro: o mesmo escritor que em Cuba criticava a exploração dos trabalhadores chineses, descreve agora a imigração em termos muito negativos, como uma “invasão surda e formigueira” do Velho Mundo pelo “homem amarelo”. Resta-lhe a consolação de que os Chineses levem na bagagem o seu Confúcio, inspirador da “tolerância, da ordem e da paz laboriosa” (p. 546).



[A ameaça oriental. *Le Petit Journal*, 18/12/1891⁴]

3.4. De volta ao Ocidente, encontramos nas crónicas várias reflexões sobre a Rússia, zona de conforto ou de ameaça consoante a proximidade ou distância afectiva da Europa. A Rússia dos czares é uma nação um tanto antipática a Eça, em parte pelo regime autocrático, em parte pela indecisão cultural em que vive: uma aparência cosmopolita nas classes altas, um atraso quase medieval nos costumes sociais e políticos. Há uma imagem sugestiva num dos textos (a crónica intitulada “O Czar e a Rússia”), que vale a pena citar:

A Rússia de facto é uma velha casa asiática, que tem uma varanda rasgada sobre a Europa. A essa varanda ela surge frequentemente e, de cima dela, intervém, com a sua força e com a autoridade que a força lhe dá, nos negócios da Europa. [...] Um pouco do ar da Europa penetra então pela varanda, levando o rumor das nossas ideias e das nossas inovações morais. Mas é um ar que mal passa das grades. E, quando as portadas da varanda se cerram, só há dentro um Oriente muito antigo e muito estranho, que nós não podemos compreender. (p. 557)

Eça compara o império russo ao Império romano, mas sem a sua grandeza cultural, porque lhe faltam instituições e cultura política. O mesmo povo servil que se deixa governar por um mujique inculto (o assunto da crónica é a morte do czar Alexandre III, em 1894) também por vezes dá espaço a “um ou outro Tolstoi”, capaz de

⁴ No texto do jornal, a propósito de uma revolta na China, pode ler-se: “Il est admis, [...] depuis longtemps certifié que l’Europe périrait par suite d’une invasion des Tartares, Mongols, Chinois de toute origine qui peuplent avec trop de surabondance l’empire du Milieu [...]. Quand les sujets du Fils du Ciel ne trouveront plus à manger chez eux, ils faudra qu’ils cherchent ailleurs leur nourriture; l’on affirme qu’alors ils se répandront sur l’Europe comme font les sauterelles en Algérie, dévorant tout, dévastant tout. En vain, à ces vrais inventeurs de la poudre, opposera-t-on les engins les plus perfectionnés; on en tuera beaucoup, malgré quoi ils resteront encore cent contre un et nous serons perdus.”

interessar o mundo, mas sem alterar profundamente a sua natureza ancestral. Assim, a distância entre Paris e Moscovo mede-se em milhares de quilómetros mas sobretudo em tempo – 4 ou 5 séculos de desencontro civilizacional; as duas “almas” nunca se compreenderam, o que também nunca impediu as alianças estratégicas entre ambos os países. Dois anos depois o novo czar Nicolau II visita Paris (“Festas Russas”, 1896). Os jornais franceses, sempre prontos a elogiar a pátria, fazem um coro entusiasmado com o esplendor das festas, mas Eça não se deixa impressionar: parece-lhe um fenómeno de auto-sugestão (p. 626). Espanta-se, sim, com o servilismo dos franceses, povo igualitário e destruidor de tronos, perante aquele ícone do despotismo. Em matéria de relações internacionais a *Realpolitik* fala sempre mais alto (sobretudo o velho medo da Alemanha, inimigo comum).

3.5. Finalmente, vejamos a imagem do Novo Mundo. A América. No final do século XIX os Estados do Norte demonstravam já um desenvolvimento invejável, e davam lições de democracia e de pacifismo à velha e belicosa Europa; em contrapartida, os Estados da América Latina emergiam ainda timidamente da situação colonial. É precisamente o processo de emancipação destas nações que motiva um conjunto de crónicas políticas, “A propósito da doutrina de Monroe e do nativismo” (1896). Esta famosa doutrina datava do início do século, quando o Presidente dos Estados Unidos criticou as pretensões colonialistas da Santa Aliança e defendeu a máxima “A América para os Americanos”; na altura, também a Inglaterra apoiou a independência dos países hispano-americanos. Agora os dois países digladiam-se por causa dos territórios britânicos na Venezuela – as minas de ouro da Guiana – : os Estados Unidos invocam de novo o discurso de Monroe e os Ingleses criticam-nos pela “arrogância estridente” em política internacional.

Tudo isto inflama os jornais e leva Eça a entrar no debate contra o que chama a teoria “Nativista”. Os seus argumentos podem resumir-se em quatro pontos: i. O nativismo é um produto anacrónico oriental: nasceu na China da dinastia Tsin e propagou-se ao Japão, antes de se abrir ao mundo. ii. Só é legítimo defender tal princípio quando lhe corresponde uma civilização original e homogénea – o caso da China, que continua fechada na sua cultura, mesmo nas comunidades migrantes. iii. Não existe “raça americana”: a que existiu foi dizimada pelo colonialismo e sobrevive apenas como curiosidade etnológica; é uma ironia os E.U.A. invocarem um conceito que ajudaram a destruir, perseguindo os Índios. iv. Sendo a América moderna uma

construção europeia, não faz sentido excluir essa herança, e muito menos arvorar-se em protetor dos Estados do Sul. Daqui conclui que o grito nativista só se explica por complexo de inferioridade ou por medo da concorrência. Todo o nacionalismo americano, seja nos E.U.A, seja nos países hispânicos ou no Brasil traduz a denegação das origens e o medo atávico do estrangeiro.



[“No more dumping allowed”, *The Wasp*, 12/08/1882.]

[“Le mortier de l'assimilation et l'élément qui refuse de se mélanger”, *Puck*, 26/06/1889]

Toda esta argumentação é exposta de forma muito acalorada, às vezes com excessos emocionais. Eça refere-se a certos povos centro-americanos como “almas mulatas” e “países falhados”. Por outro lado, nega aos Estados Unidos qualquer supremacia ou mesmo identidade cultural:

Essa América, que tanto se ufana de génio inventivo, nada inventou nestes últimos trezentos anos [...]. E fomos nós, aqui nesta esfalfada Europa, que, suando e gemendo, continuámos a espantosa tarefa da civilização, descobrindo as leis universais, criando as ciências naturais, construindo os sistemas de filosofia, apurando a beleza das artes, fundando indústrias, dando ao mundo a imprensa, a electricidade, o gás, o vapor, os teares, os telégrafos, milhões de livros, toda a sorte de ideias! (p. 598)

À exceção do telefone – diz Eça – nada de significativo inventou a América, que se limitou a importar ideias, e agora nos retribui a sua edipiana ingratidão. Suprema ironia:

As línguas em que a América proclama os princípios do seu nativismo foram pela Europa inventadas e polidas. A própria tinta com que imprimem os jornais em que nos acusam de intrusos, fomos nós que a imaginámos e remexemos. (p. 598)

Este *nós* que assim se exprime enfaticamente ressentido de algum despeito, partilha de um sentimento emocional de família ofendida. Perdoa-se por ser o mais apaixonado testemunho de amor que Eça jamais fez à cultura europeia. Porém, como já vimos, tudo muda de figura quando a Europa se desdobra nas suas múltiplas nações, nas suas íntimas rivalidades culturais. Isso mesmo transparece num texto que Eça escreveu em 1893, a propósito de um desentendimento franco-italiano. Eça toma partido pelos italianos, e compreende que se sintam fartos da arrogância francesa ao longo dos tempos. A terminar o texto dirige um belo tributo à nação fundadora da *família* europeia:

[...] foi ela, na sua soberba mocidade, que nos fez, a nós todos, povos da Europa Ocidental, e nos civilizou e nos modelou à sua imagem. Ela é, e permanecerá a *Italia mater*, a mãe venerável das nações. Todos nós somos ainda religiosamente, e juridicamente, e intelectualmente, províncias de Roma. (p. 391)

Prolongando a metáfora, poder-se-á concluir que todas as famílias têm desavenças, normalmente reveladoras das fracturas latentes; mas em momentos de crise é sempre consolador invocar a unidade, a raiz comum.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict (2005), *Comunidades Imaginadas* (trad.), Lisboa, Edições 70.
HALL, Stuart (1997), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (trad.), Rio de Janeiro, DP&A Editora.

QUEIRÓS, Eça de (2002), *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Ed. de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, Lisboa, I.N.-C.M.

STEINER, George (2007), *A Ideia de Europa* (trad.), 4ª ed. Lisboa, Gradiva,